Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL: PRESERVAÇÃO E SUAS INTERAÇÕES NOS ESPAÇÕS URBANOS[1]

Tainara Kuyven[2], Gabriela Almeida Bragato[3], Gabriela Pires Da Silva[4], Juliedy Waldow Kupske[5], Tarcísio Dorn De Oliveira[6].

[1] Trabalho desenvolvido no Curso de Graduação em Engenharia Civil da UNUJUÍ
[2] Aluna do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ
[3] Aluna do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ
[4] Aluna do Curso de Engenharia Civil da UNIJUÍ
[5] Aluna do Curso de Educação Física da UNIJUÍ
[6] Docente dos Cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo da UNIJUÍ

Introdução

A preservação do patrimônio cultural urbano tem passado por grandes mudanças, onde deixa-nos clara e evidente a necessidade de preservá-lo, pois hoje mais do que nunca tem-se a necessidade de relembrar e reviver a nossa história, conhecendo-a e preservando-a. Nota-se que as escolhas e ações de hoje, afetam nitidamente as futuras gerações, as quais dependendo de nós terão ou não uma base estruturada com relação aos patrimônios históricos, políticos e culturais de seus antepassados.

A humanidade possui imensuráveis patrimônios onde o homem e a natureza trabalharam em sincronia, tornando as paisagens com uma beleza único e atraindo inúmeros turistas para apreciar tais artes, as quais constituem a formação da memória histórica dos povos e a formação da identidade social, pois é demonstra os modos de vida levados pelo homem através dos tempos. Sendo assim, todo patrimônio cultural urbano é carregado de sentimentos, onde a preservação dos mesmos nada mais é do que prolongar e salvar a história que pertence a todos. Neste contexto o presente ensaio teórico tem como objetivo indagar e discutir algumas reflexões à respeito da preservação do patrimônio cultural inserido na paisagem e ambiência urbana.

Metodologia

A metodologia apresenta-se através de uma pesquisa bibliográfica onde é possível avaliar as concepções existentes em pesquisas já realizadas sobre o tema. Assim, a metodologia proposta, pode ser vista como um caminho em que escritor situa seu trabalho, onde ao citar uma série de estudos prévios que servirão como ponto de partida para sua pesquisa, resulta numa discussão saudável criando visões e nuances de novas ideias a respeito do tema.

Resultado e discussões

A construção dos conceitos de patrimônio cultural é resultado de uma longa evolução que se inicia desde as primeiras ações de valorização de obras do passado pelas civilizações antigas (CHAOY, 2001), onde o patrimônio cultural de um povo, entendidos aqui, como bens materiais produzidos por este e que são preservados de muitas maneiras, visando à garantia da manutenção da memória, de sua história e de sua cultura, onde o passado é uma das dimensões mais importantes da

singularidade em relação às manifestações materiais e imateriais das cidades. Nesse sentido, Canclini (1984), afirma que o patrimônio não inclui apenas a herança de cada povo (as expressões mortas de sua cultura), mas também, os bens culturais visíveis e invisíveis, sugerindo um patrimônio que expressa um conjunto de bens e práticas que os identifica.
Já Funani e Pinsky (2001), definem que patrimônio cultural como tudo aquilo que constitui um bem apropriado pelo homem, com suas características únicas e particulares.
Em decorrência dessas noções, pode-se sintetizar que o patrimônio passou a ser utilizado, não apenas para simbolizar, representar ou comunicar, mas para agir, tendo em vista que patrimônio, de certo modo, constrói, forma e representa as pessoas de uma determinada comunidade (GONÇALVES, 2003). Dessa forma, o aspecto antropológico do patrimônio funciona como um elemento que auxilia na estruturação dos elos que criam um sentimento coletivo de pertencimento comunitário e colabora para sedimentar o imaginário presente (CHOAY, 2006), onde as cidades por seu turno surgem como a materialização do urbano, de concentração de pessoas, do desenrolar de atividades produtivas, tornando o espaço urbano dinâmico e polissêmico (SIVIEIRO, 2006). Assim, a cidade é vista como um documento da história urbana, cuja leitura deve decodificar os significados das marcas impressas no espaço urbano, como uma linguagem a ser decifrada e, sempre que possível, enriquecida (SILVA, 1996).

A adoção de paisagem cultural por órgãos brasileiros e internacionais é recente sendo que a categoria de paisagem cultural foi criada pela Unesco em 1992 e foi um reflexo da Rio 92, onde a nova categoria criada refere-se principalmente a preservação de grandes áreas onde a ação do homem e da natureza interagiram entre si. Nota-se que a criação da Unesco tem grande importância na preservação do patrimônio da humanidade como um todo, sendo considerada a diretriz de todos os países pra criarem suas leis de preservação dos diversos patrimônios que os mesmos possuem, sendo eles as edificações ou as paisagens culturais. Portanto pode-se entender como paisagem cultural urbana todo o trabalho combinado da natureza e do homem, o qual vem buscando o conforto visual e ambiente do local onde vive, deixando-o com uma beleza única.

Para Vasconcelos (2012), o estudo da paisagem cultural converge para a análise da integração entre homem e natureza, em um constante jogo de mutações onde o agente transformados e o objeto transformado se confundem e se alteram. Nesse contexto a paisagem é um conjunto de formas que num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Essa percepção nos remete à ideia de que tal categoria se traduz como documento ou palimpsesto, condição que a situa de forma inevitável no terreno da História (SANTOS, 2006, p.66). O mesmo autor observa que a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, expressam as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. Nessa perspectiva, os dois elementos em questão homem e natureza, devem viver em harmonia, um contribuindo e melhorando a existência do outro, alterando e contribuindo com as suas histórias, num contexto inseparável, onde um não sobreviva sem o outro, cabendo ao homem preservar e melhorar a paisagem sem lhe provocar danos.

O caráter polissêmico e a flexibilidade presente nos usos do termo paisagem, que dificultam o traçar de sua historicidade, traz vantagens, mas também banaliza e pode fazer perder o fio da meada, o

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

risco maior sobretudo, é a desistoricização do conceito (MENESES, 2002, p.29). As paisagens culturais, assim entendidas como porções do território dotadas de conexões singulares entre diversos elementos, se encontram entre esses bens de natureza complexa, pois sua preservação depende de novas práticas e instrumentos jurídicos (CRISPIM, 2011, p.7). Ainda o mesmo autor analisa que preservar uma paisagem pressupõe uma mudança de direção nos paradigmas acerca do patrimônio, reconhecendo o território e as representações possíveis para a natureza como matrizes de uma identidade cultural, de modo que salvaguardá-las incorporaria a pauta novas funções para a preservação, sobretudo no que tange aos conceitos de desenvolvimento sustentável e produção do espaço (2011, p.7). Ferreira (2011), completa analisando, paisagem como sendo resultado de um fluir de acontecimentos sobre um determinado espaço, isto significando que nela está inscrita a marca das ações das comunidades humanas que nesse local estiveram ou viveram.

Fonseca (2005) ao considerar um bem como de importância histórica e cultural, ao lado do seu valor utilitário e econômico, enfatiza-se seu valor simbólico, enquanto referência a significações da ordem da cultura, onde, sob esta ótica, é preciso compreender a cidade como um processo, algo em constante modificação que acumula símbolos e significados, sejam pelas formas de ocupação, sejam pelas mudanças nas maneiras de apropriação do espaço.

Considera-se a cidade como uma permanente produção cultural, que expressa a capacidade do homem em apropriar-se do território e dos espaços nele construídos. Pela preservação e transmissão de valores nela impressos, a cidade revela-se como patrimônio cultural, capaz de alimentar as ações subsequentes da vida urbana (SILVA, 1996), onde o culto que se rende ao patrimônio deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui de elemento revelador, negligenciado mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ele encerra (CHOAY, 2006). Assim, Carvalho (2010) diz que o patrimônio cultural se vincula à paisagem, à memória e à identidade dos grupos sociais, os quais estabelecem, através do repasse ou da transmissão de saberes e fazeres, importantes elos de continuidade espaço-temporal, além de mecanismos de afirmação e reposição identitárias, onde a apropriação e a coletivização do patrimônio cultural produzem ainda nos espaços urbanos lugares significantes, com os quais a comunidade local se afeiçoa e se identifica, pois cristalizam fatos ou acontecimentos pessoais, podendo vincular-se à infância, às atividades corriqueiras, aos encontros sociais e familiares e, consequentemente, fazem-se presentes na memória de indivíduos e grupos sociais específicos.

Conclusão

Os espaços urbanos evocam diferentes narrativas sobre o patrimônio cultural, onde a cidade passa, assim, a ser vista como uma construção histórico-cultural, como patrimônio de seus moradores e como espaço de memória. A cidade é monumento e é documento, entendida como o lócus continuo de cultura, onde natureza, construção material, símbolos e significados e representações se constroem em diversidade e em harmonia (MENESES, 2006). Nesse contexto, de reconhecer e preservar o bem edificado, destaca-se o conceito de ambiência, que corresponde à harmonia na integração entre o bem cultural e o seu entorno, estabelecendo a necessidade de definição de critérios que extrapolam a salvaguarda pontual, individual do bem, mas que atuarão na vizinhança e paisagem do entorno, levando em consideração, além dos elementos arquitetônicos pontuais, as

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

questões volumétricas, tipológicas, as relações entre cheios e vazios em relação a malha urbana (COTA e SILVA, 2013).

A mudança na atribuição de valor a paisagem, antes na perspectiva cênica para uma perspectiva cultural corresponde a um alteração do paradigma da memória e seu entendimento por parte dos órgãos de salvaguarda no Brasil, assim o próprio patrimônio anteriormente denominado como sendo "histórico" e "artístico" passaria a "patrimônio cultural" abrindo campo para o debate interdisciplinar, para o ambiente humano e suas representações imateriais (CRISPIM, 2011, p.9), onde através dessas considerações aponta-se o estado geral do debate sobre patrimônio e paisagem procurando esclarecer as possibilidades de pesquisa nesse campo com especial atenção as políticas de preservação (CRISPIM, 2011, p.9)

A preservação da paisagem Cultural ainda é pouco conhecida pela população em geral, devido a ser algo relativamente novo e não ter muita divulgação. A enorme importância que esta categoria de preservação apresenta a humanidade nos leva a crer que sua divulgação e apresentação a população será de suma importância, pois será a partir dela que as novas gerações irão conhecer o seu passado, sua história, e assim não se perder historicamente.

Palavras-chave: Paisagem Cultural; Patrimônio Urbano; Preservação

Referências Bibliográficas

CANCLINI, N. G. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, nº 23, 1994, p.94-115.
CARVALHO, Karoliny Diniz. Lugar de memória e turismo cultural: Apontamentos teóricos para o planejamento urbano sustentável. Revista de Cultura e Turismo. Santa Catarina, 2010.
CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001.
CHOAY, F. A invenção do património urbano. In: A alegoria do património. Lisboa: Edições 70, 2006, p.155-179.
CRISPIM, Felipe Bueno. A Paisagem Cultural como novo instrumento de preservação, a historicidade de uma prática em contexto paulista (1968-1994). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, pág. 1-12.
COTA, Daniela Abritta; SILVA, Cecília Miranda. A contribuição da política urbana na salvaguarda do patrimônio cultural em São João Del Rei, MG: Avanços e Entraves, v. 15, 2013
FERREIRA, Felipe. Paisagens de praia: o litoral como patrimônio. Anais do I Seminário de História e Patrimônio, Rio Grande, 2011, p.549-569.
FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: UFRJ: MinC-Iphan, 2005, p. 21.
FUNANI, P. P. & Pinsky, J. Turismo e Patrimônio Cultural. Editora Contexto. São Paulo, 2001.
GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R. e CHAGAS, M. (orgs). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, pp.21-29.
MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: Yázigi, Eduardo (org.) Turismo e Paisagem. Campinas, Contexto, 2002: 29-64.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

SIVIEIRO, Ana Paula. Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: reflexões teóricas e articulações. In: R.RA'EGA, Curitiba, n.11, p.51-59, Editora UFPR.
VASCONCELOS, Marcela Correia de Araújo. "As fragilidades e potencialidade da chancela da paisagem cultural brasileira". Revista CPC, São Paulo (nov.2011/abr.2012).